

As conclusões pessimistas no debate do Gatt

ASSIS MOREIRA
Especial para O Estado

GENEBRA — Ministros de países industrializados e em desenvolvimento e **Experts** do mundo financeiro debateram ontem os principais problemas da economia internacional num painel organizado no quadro de comemorações do 40º aniversário do Gatt — Acordo Geral de Tarifas e Comércio. A recente quebra das Bolsas de Valores, a dívida externa e a liberalização do comércio foram amplamente mencionados, e a perspectiva geral é pessimista.

Paul Volcker, o poderoso ex-presidente do Federal Reserve (o Banco Central dos EUA), previu que a dívida externa continuará sendo negociada ainda por vários anos em termos ortodoxos, com países credores e devedores limitando-se a reestruturar a dívida existente, a procurar dinheiro novo em quantidade suficiente e restabelecer o clima de estabilidade financeira, com o Banco Mundial e o FMI tendo uma participação primordial nesse processo.

Volcker sublinhou que os países em desenvolvimento mais endividados poderiam ter suas tarefas aliviadas se pudessem exportar mais para as nações industrializadas credoras, mas tratou de acabar com as ilusões de uma liberalização próxima. "Não há necessidade de se mencionar sequer os riscos aos quais o sistema comercial está exposto quando a primeira potência econômica do mundo não tem meios, econômicos e políticos, de tomar a iniciativa de abrir seu mercado."

Segundo ele, nas atuais condições da economia norte-americana, com déficit comercial de US\$ 160 bilhões, "nós devemos aceitar o fato de que os negociadores americanos, rompendo com as atitudes do passado, não poderão oferecer concessões que não sejam visível e inteiramente compensadas por outros países".

Suas palavras foram endossadas por Clayton Yeutter, representante comercial dos EUA. "Nós fazemos o possível para abrir nosso mercado, mas as nações devedoras, os países em desenvolvimento, devem tentar diversificar suas exportações, tentar achar novos mercados. Os EUA importam dois terços dos manufaturados dos países em desenvolvimento. Quando vou a esses países, pergunto porque eles não exportam para outros lugares, eles respondem que para a Europa é muito difícil e para o Japão o mercado está sempre fechado."

Foi a vez de o ministro de Comércio Exterior do Japão, Sosuke Uno, interferir para assegurar o empenho de seu país em aumentar as importações, o consumo interno e em promover uma ajuda financeira internacional. Ele garantiu que, dos US\$ 10 bilhões anuais que o Japão fornecerá de assistência internacional, graças aos seus excedentes comerciais, US\$ 4 bilhões serão destinados aos países da América Latina.

O secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, Paulo de Tarso Flecha de Lima, observou que os US\$ 10 bilhões do Japão ainda são inferiores aos US\$ 12 bilhões que o Brasil tem de pagar só de serviço da dívida externa anualmente. Ele relatou o clima de profunda "frustração" dos países latino-americanos na reunião de Acapulco (México), em face das dificuldades para manter a democracia em meio à catástrofe econômica do continente.

Volcker disse que a correção dos impressionantes desequilíbrios de balança comercial e de pagamentos das nações industrializadas exige algumas orientações claras: do lado dos EUA, uma disciplina orçamentária que seja compensada, em vista das medíocres perspectivas da conjuntura econômica mundial, por políticas de relance das novas locomotivas, Alemanha e Japão.

Volcker propôs reformas no sistema do Gatt, insistindo que o liberalismo comercial só virá se a organização aumentar seu campo de ação, englobando questões controversas como agricultura, serviços, propriedade intelectual e investimentos.